

O MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA MONOPOLISTA E O CRESCIMENTO MUNDIAL DAS METRÓPOLES

META

Descrever as características do modo de produção capitalista em sua fase monopolista, exemplificando as mudanças no que concerne a relações sociais de produção, organização urbana, o início da formação do mercado mundial e as inovações tecnológicas.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

conhecer as características do modo de produção capitalista em sua fase monopolista.

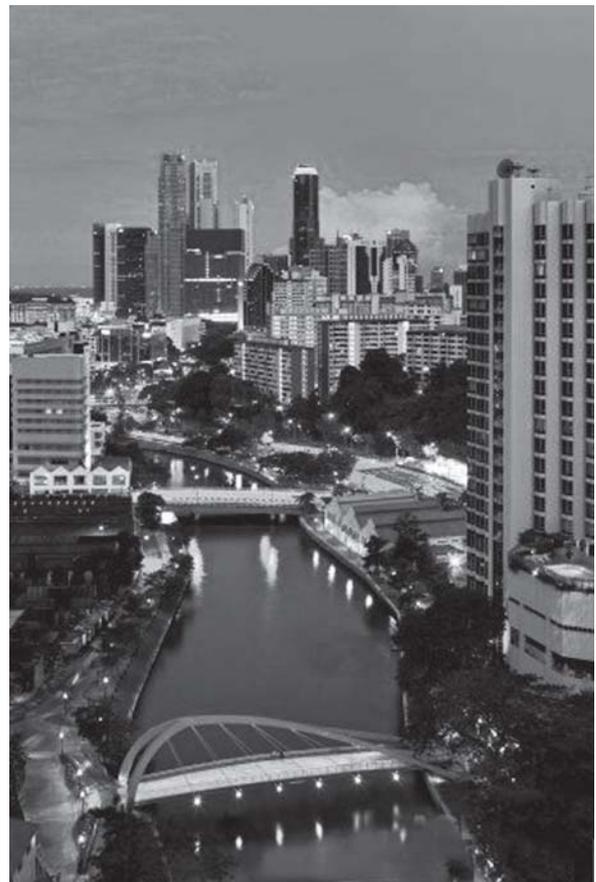
identificar as grandes mudanças pelas quais o capitalismo passou, até chegar a uma sociedade internacional globalizada.

reconhecer as especificidades das cidades globais e sua influência nas populações mundiais.

entender como é o mundo multipolar e suas implicações nas regiões periféricas e dependentes.

PRÉ-REQUISITOS

Ter estudado as características do modo de produção capitalista industrial, e as transformações que ocorreram, nesta fase, em relação ao desenvolvimento técnico, científico, territorial, como também, nas relações sociais, na urbanização das cidades e no aumento do número das metrópoles mundiais.



A construção de novas cidades pela Housing Development Board de Cingapura é um exemplo de urbanização planejada (Fonte: <http://pt.wikipedia.org>).

INTRODUÇÃO

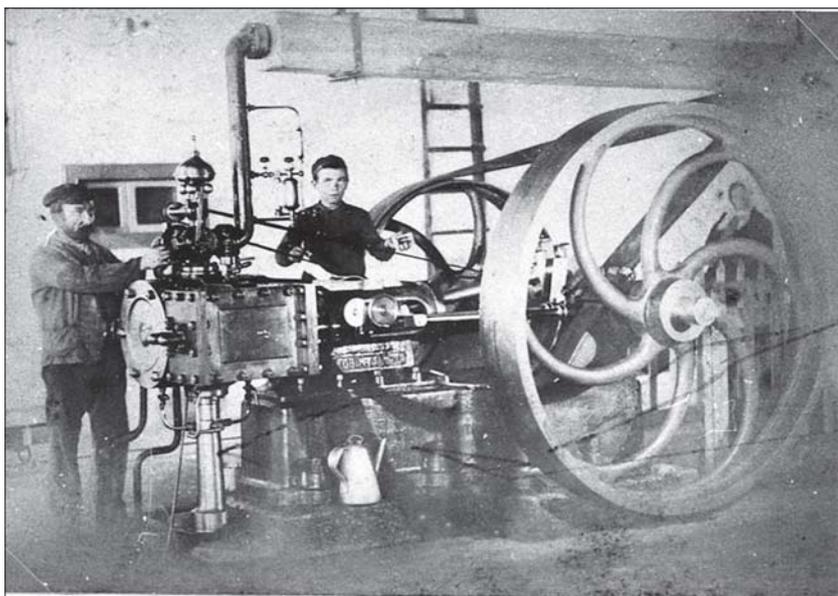
Caro aluno,

Estamos aqui para mais uma aula. Esperamos que estejam entendendo o assunto e gostando da disciplina. É muito interessante saber como se desenvolveram as cidades ao longo da História.

Nesta aula, vamos estudar o processo de desenvolvimento por que o capitalismo passou até se tornar monopolista. Após as transformações ocorridas desde o século XIX até o século XX, o sistema capitalista passou para a fase conhecida como monopolista internacional. O modo de produção capitalista se aprofundou, passando a controlar, mais ainda, as regiões “periféricas” mundiais, do ponto de vista econômico, de maneira mais completa e complexa. Você já percebeu que a exploração de um grupo bem maior por um menor continua? A sociedade evolui, os processos se modificam, mas a exploração do homem pelo homem é a mesma. O capitalismo agora monopolista, como a própria palavra expressa, exerce um controle mundial da produção e dos meios de produção. A partir desta época, as grandes indústrias mundiais passam por uma estruturação do controle de produção, visando a um maior aumento de seus lucros. Para isso, grandes conglomerados de empresas passam a controlar de maneira mais profunda as regiões e os países ditos periféricos ou subdesenvolvidos.

Após ocorrerem várias guerras na Europa, na Ásia, na África e na América, em busca de novas conquistas territoriais, matéria-prima e mão-de-obra barata, as nações que tinham o poder econômico e militar buscavam aumentar a quantidade de suas reservas de matéria-prima; isso gerou

grandes contingentes populacionais dependentes de seus serviços e de produtos industrializados. Depois de várias guerras e conquistas, as nações comandadas pelo bloco europeu e depois pelo americano passam a controlar a produção econômica mundial. Logo, vamos relacionar, de forma geral, os motivos e as conseqüências deste processo de expansão do capitalismo internacional, em sua fase monopolista, segundo LÊNIN (1979), para sua fase imperialista.



Maquina a vapor (Fonte: <http://www.eb23-cmdt-conceicao-silva.rcts.pt>).

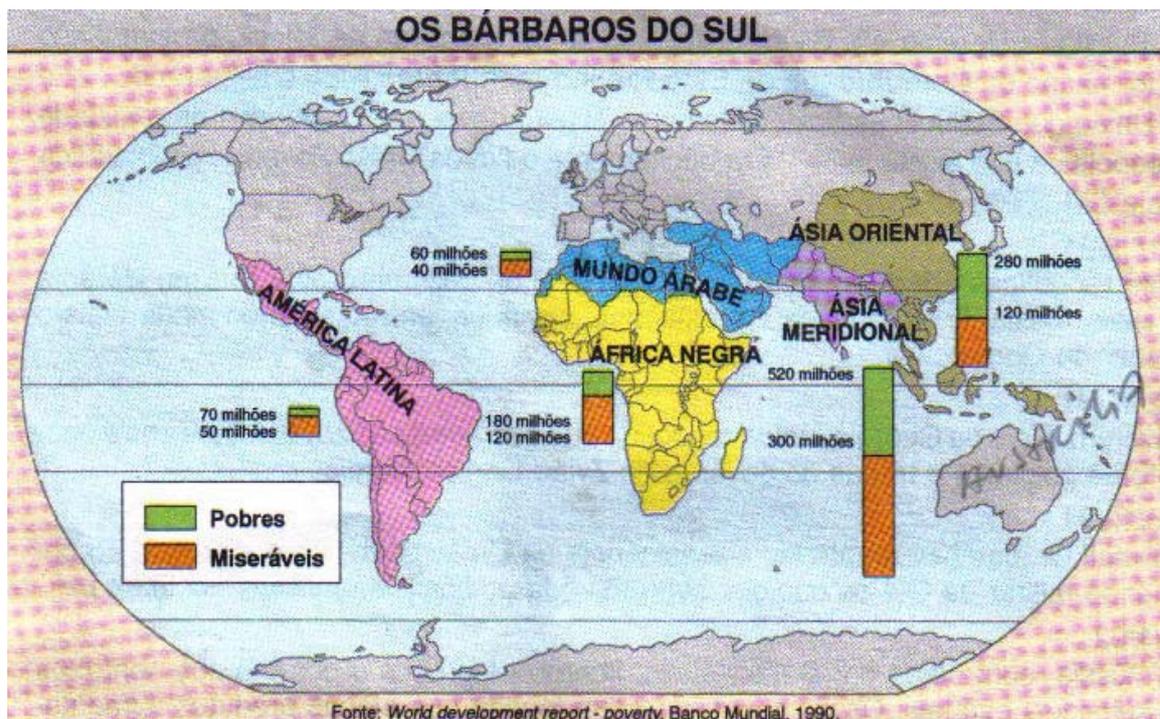
O CAPITALISMO FINANCEIRO INTERNACIONAL

No final do século XIX e início do XX, o capitalismo começou a passar para outra fase mais adiantada, de exploração das forças produtivas, que é o capitalismo financeiro internacional. Neste período de aprofundamento da expropriação dos instrumentos de produção, o sistema econômico passou a contar com a participação mais aperfeiçoada e complexa dos bancos que pertencem ao sistema financeiro de grupos de nações desenvolvidas. Ou seja, os conglomerados eram formados por empresas que também detinham o controle de finanças e grandes recursos de capitais. Assim, os grupos mais fortes passam a se unir em busca de um maior controle na economia e política mundial.

Essa participação dos bancos e das organizações que controlavam a economia já existia desde a Idade Moderna, inclusive muitas cidades surgiram em função dos bancos. Agora, com a influência internacional, os bancos passam a ter uma estreita relação monetária com os industriais, e as cidades, nos países periféricos, passam a depender e ter influência mundial dos grandes conglomerados de indústrias, que se unem para aprofundar e multiplicar, ainda mais, as negociações e os lucros das instituições bancárias.

As grandes nações (ou as nações de maior poder econômico), passaram a investir em regiões, na “periferia” dos grandes centros urbanos, fornecendo empréstimos a juros altos, o que aprofundou a dependência das “ex-colônias”, hoje formada por países subdesenvolvidos, que passaram a ser mais ainda dependentes das metrópoles mundiais. O mapa mundi com a denominação de “Os Bárbaros do Sul” foi utilizado por VICENTINO (1992) e SCALZARETTO (1992). Neste trabalho, eles separam o mundo entre o Norte desenvolvido e o Sul, subdesenvolvido.

A linha de pobreza não é a linha do Equador. O Sul pobre invade o Norte geográfico. Todos os países do Sul são subdesenvolvidos, exceto a Austrália. Impressiona o número de pobres e miseráveis, que somam mais de 1,5 bilhão de habitantes no Sul. (VICENTINO;SCALZARETTO, 1992, P.47) (Os dados de pobres e miseráveis citados são da década de 90).



O mapa mundi: “Os bárbaros do Sul (Fonte: VICENTINO; SCALZARETTO, 1992, p. 47).

Esses países subdesenvolvidos procuravam também, de maneira incessante, os bancos das nações desenvolvidas, em busca de empréstimos, para tentar solucionar as crises econômicas internas, que se vinham avolumando desde a sua independência política. As concessões feitas através de empréstimos e doações, pelos grupos dos países ricos, aprofundaram a dependência e a crise econômica dos países “pobres”, em vez de melhorar as suas condições financeiras. Isto ocorreu porque os países desenvolvidos não estão preocupados, na verdade, em resolver as crises dos países pobres, mas pelo contrário, esses países financiadores aprofundam a miséria e as desigualdades das nações periféricas e subdesenvolvidas. Organizam-se em grupos de empresas que promovem e alcançam o controle da produção, dos mercados e das vendas dos produtos no mundo todo. Com isto, o capitalismo industrial, agora monopolista e internacional, que é formado pela articulação entre as potências, fez surgir mais uma forma de aprofundar o domínio do mercado internacional, controlando o que se produz, onde e quando se produz e para quem se produz. Desta maneira, foram sendo estruturados cartéis, trustes e “holding”, que foram novas maneiras criadas pelos capitalistas, para explorar mais ainda as ex-colônias e até países que alcançaram a sua independência política, como foi o caso do Brasil, que proclamou a sua República no final do século XIX (1889).

Com este processo de avanço tecnológico e de controle da produção, as nações “desenvolvidas” se tornaram mais ricas. As matrizes das indústrias começaram a implantar as filiais em todos os continentes, criando

meios de melhor controlar a produção dos trabalhadores nas fábricas e indústrias, de modo que eles eram “monitorados” desde a produção, na hora da refeição ou do lanche e até nas suas vidas particulares. Estavam implantando novas formas de regulação de produtividade, o “taylorismo, com as idéias de James Taylor.”



Cena do filme Tempos Modernos (Fonte:<http://www.moedeiro.blogspot.com>).

Posteriormente, também no final do século XIX, Henry Ford, pensando em baratear o custo de produção e do produto final, como também em acelerar a produtividade, implantou a “linha de produção” (acrescentar o filme: A vida de Henry Ford), fazendo com que os operários fossem treinados para executar só uma tarefa, de maneira repetitiva e com certa qualidade. Assim, o trabalhador da indústria se torna “robotizado”, ou seja, treinado para executar uma determinada tarefa cada vez que um determinado produto (um ventilador, um automóvel, uma televisão, por exemplo) fosse passado na linha de produção. Assim, foi criado o termo conhecido como modelo fordista de produção, que era mais uma estratégia dos capitalistas e donos de fábricas, para controlar a produtividade, barateando o produto e diminuindo o tempo para a produção deste produto. No filme sobre a vida de Henry Ford, podemos constatar a existência da linha de produção, onde a fabricação do automóvel (Ford, modelo T) era realizada ao mesmo tempo por centenas de funcionários, numa linha que parecia uma linha férrea, onde o veículo ia-se deslocando e cada operário, com sua especialidade, ia montando partes deste automóvel. Assim, o tempo para que um automóvel ficasse pronto diminuiu consideravelmente.

(Sobre o Fordismo e o desenvolvimento das técnicas de produção do automóvel, iremos estudar mais aprofundadamente na próxima aula).

Outro aspecto a ser colocado neste período é que após um século da Primeira Revolução Industrial, constatamos também vários benefícios para a população mundial como um todo, visto que ocorreram várias descobertas e invenções na Medicina, na Engenharia, na alimentação, na indústria têxtil etc.

O progresso científico, ao melhorar a alimentação (através da introdução de novos produtos como o trigo e a batata, além da carne durante todo o ano) e propiciar a melhoria da saúde, diminuem a taxa de mortalidade. A utilização do ladrilho e da madeira, em vez de argila e da palha na construção das casas cria novas condições de vida e uma nova configuração espacial.

O mundo rural perde seu papel na sociedade que se está criando na medida que o processo de produção se dá sob a base de um novo regime de produção de divisão do trabalho entre o comércio e a manufatura asentados na cidade e a atividade agrícola, no campo. (CARLOS, 1992, p.33) (Grifo nosso).

Você percebeu que muitas transformações foram fruto da Revolução Industrial? Inicialmente, pela máquina a vapor, depois pela descoberta do petróleo e depois com a invenção da energia elétrica. Todas essas invenções vieram transformar a vida do homem e das cidades, em todas as regiões mundiais. É claro que o progresso e as novidades não ocorreram ao mesmo tempo e em todas as partes do mundo. Mas é notório que, paulatinamente, as nações menos desenvolvidas foram usufruindo das benesses das inovações técnicas desenvolvidas a partir da Primeira Revolução Industrial ocorrida na Inglaterra. Como consequência dessas inovações, ocorre um aumento da urbanização, de maneira mais ainda acelerada.

AS CIDADES NO CAPITALISMO MONOPOLISTA

Como vimos, na fase do capitalismo industrial monopolista, as cidades vão sendo incorporadas às redes urbanas; as maiores (metrópoles) comandavam o processo produtivo, existindo assim uma escala decrescente das redes urbanas maiores para as menores; as grandes regiões metropolitanas mundiais aprofundam o controle das demais metrópoles existentes nos países menos desenvolvidos, até que o processo produtivo se torna padronizado e dependente.

A Primeira Revolução Industrial trouxe várias melhorias nas condições de vida dos cidadãos, quer seja na infra-estrutura básica das cidades, com novos tipos de esgoto, saneamento mais planejado, pavimentação

mais moderna, quer seja no campo científico, com novas vacinas, controle de epidemias, novos antibióticos, como também na indústria alimentar e têxtil. Também fez multiplicar a produção e aprofundar a divisão social e territorial do trabalho mundial. Antes o homem produzia para a sua subsistência; depois passou a acumular e a reproduzir, não só os produtos, mas o capital, que é um produto ‘volátil’ e abstrato, fazendo tornar “gigante” a estrutura econômica capitalista mundial.

Após 1860, outras inovações aprofundaram mais ainda a distância entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos, à medida que o capital mundial se reproduzia. Neste caso, podemos citar Ana Fani, que destaca estas condições de mudanças:

a) inovação nos instrumentos e métodos de trabalho; b) incremento da produtividade do solo, liberando a população do campo que migra para a cidade e vai servir de mão-de-obra para a manufatura e, posteriormente, para a grande indústria; c) ampliação do comércio; d) desenvolvimento dos transportes e melhoria das vias de comunicação, expandindo o mercado interno e externo; e) utilização de outras fontes de matéria-prima; f) diminuição dos preços das mercadorias; g) desenvolvimento do crédito; h) melhoria da vida da população (saúde, habitação, alimentação). (Idem, p.28) (Grifo nosso).

Nesta fase do capitalismo monopolista, a divisão do trabalho sofre várias transformações que revelam uma nova fase de produção; agora, com maior especialização e vários turnos de trabalho, o cidadão passa a incorporar uma vida urbana, com exigências e controle na vida dos trabalhadores. Apesar das melhorias citadas acima por Ana Fani, o trabalhador assalariado incorpora um custo de produção mais barato, o que aumenta mais e mais o lucro dos empresários e dos representantes dos conglomerados mundiais. Todos esses grupos têm seu capital aplicado e desenvolvido em várias regiões mundiais. Este custo de produção se torna mais barato, devido às péssimas condições a que os trabalhadores da periferia do mercado mundial vêm sendo historicamente submetidos, visto que, além dos baixos salários, existem os incentivos para as Nações onde estão localizadas as matrizes dos grandes conglomerados industriais.

Podemos citar algumas empresas que fazem parte desta teia industrial, como a Nestlé, a Coca-cola, a Nike, a Adidas, a Renault, a Volkswagen, a Ford, a Toyota etc. Todos esses grupos têm seu capital aplicado e desenvolvido. Assim, ficam isentos de impostos e recebem condições bastante vantajosas para instalarem as filiais nos países que fazem parte da periferia do mercado mundial. Existe também uma padronização dos produtos destas empresas em todo o mundo, o que lhes favorece mais ainda e aprofunda a dependência dos consumidores mundiais, principalmente

dos países periféricos, onde a população, quase na sua totalidade, só usufruiu das inovações tecnológicas mundiais, em pequena parcela, ou através da compra de produtos falsificados. O resultado “final” deste processo de “evolução” por que passou o capitalismo, da fase industrial para a monopolista internacional, foi que o trabalhador tornou-se um objeto do sistema e não um membro com direitos, nesta sociedade.

O autor Horieste Gomes descreve muito bem a situação vivenciada pelos trabalhadores em todas as regiões mundiais:

Com o aperfeiçoamento dos instrumentos e das técnicas de produção, bem como do invento de novas máquinas e ferramentas, o capitalismo imprimiu um “ritmo de maratona” em seu processo de produção e capitalização. A disciplina no controle de produção tornou-se muito mais exigente, muitas vezes por meio de implacáveis medidas de coação e violência. A jornada de trabalho longa e o salário irrisório envolvem adultos, mulheres e crianças em níveis exploratórios elevados em termos de mais valia, e reduzem os operários à mera condição de objetos da produção capitalista. (GOMES, 1992, p.50) (Grifo nosso).

(Para demonstrar a exploração da classe trabalhadora, indicamos o filme ‘Denz’, um grito de revolta, que revela a situação dos operários nas fábricas de fiação e tecido no final do século XIX, na Europa).

Com o capitalismo monopolista, o desenvolvimento se alastrou, mas de forma desigual e esta desigualdade do crescimento aconteceu de maneira planejada, tanto em nível mundial, nacional, como também local. Esse processo de dominação x dependência em que os países pobres estão inseridos faz parte de uma estratégia articulada pelas nações hegemônicas, com o objetivo de perpetuar e aprofundar a dependência econômica, política e hoje, de maneira mais evidente, nos meios de comunicação, na Internet. Assim, podemos citar, mais uma vez, para exemplificar as palavras da autora:

É fácil questionar esta análise, quando nos lembramos de que a industrialização (sinônimo de desenvolvimento) tem sua origem na acumulação de capital, decorrente do renascimento comercial e da indústria manufatureira, “fenômeno” para os quais o pacto colonial era necessário. Além disso, esta indústria dos países centrais” pôde se desenvolver através da descolonização (lembra-se como a Inglaterra apoiou este processo?), com vistas à formação e ampliação dos mercados consumidores necessários à produção em larga escala.

Isto quer dizer que há uma articulação desenvolvimento-subdesenvolvimento, e não apenas seqüências ou fases de um

desenvolvimento único, engendradas pelo capitalismo avançado, e concretizadas em diferentes escalas do território (partindo da cidade, passando pela região e atingindo o nível nacional). A evidência da articulação entre as economias nacionais sob o capitalismo, e de sua integração numa economia global é o fato de que apesar de haver um desenvolvimento e industrialização a nível mundial, ele seja diferenciado, embora combinado. (SPOSITO, 2001, P.69). (Grifo nosso)”.

A partir da citação, podemos concluir que há exemplo disto em todas as regiões mundiais, e aqui, localmente, constatamos também estas contradições, pois existem inúmeras filiais que estão ligadas às matrizes, quer seja no ramo alimentício (Nestlé, Mac Donald, Coca-cola, etc) quer seja no ramo automobilístico (Volkswagen, Renault, Ford, GM etc) ou no ramo de calçados (Adidas, Nike, Puma, etc). Existe, de fato, uma articulação que vem sendo historicamente planejada, desde a estruturação do modo de produção capitalista. Mais recentemente, no final década de 80, reuniram-se na capital dos Estados Unidos vários organismos internacionais, com o objetivo de controlar as economias dos países periféricos. Esta reunião ficou conhecida como o Consenso de Washington, em que foi delineada a estratégia para controlar e direcionar as decisões desses países, sem os interesses dos presidentes ou, principalmente, de suas populações. Na próxima aula, vamos detalhar um pouco mais este assunto.

CONCLUSÃO

O capitalismo em sua fase mais avançada que chamamos de monopolista favoreceu o desenvolvimento das cidades, modernizou-as, dando conforto aos cidadãos, por um lado. Por outro lado, gerou o empobrecimento das classes exploradas pelos grandes empresários e acentuou as desigualdades sociais, fomentando a miséria, numa época em que não deveriam mais existir problemas sociais dessa natureza. As cidades, com bairros ricos e modernos ao lado das favelas, tornam evidente essa realidade, mostram o grande contingente da população que luta para sobreviver em meio a tantas possibilidades de ter uma vida digna.

Assim, percebemos que o sistema capitalista de produção não serviu para favorecer a igualdade e a fraternidade entre os povos, o tão sonhado bem de muitos pensadores, filósofos e, por que não dizer, da humanidade.



RESUMO

Estudamos, nesta aula, que o capitalismo industrial evoluiu, passando para a fase monopolista. Vimos também que as inovações técnicas, decorrentes da Revolução Industrial, trouxeram melhorias na vida da população mundial, mas aprofundaram também as diferenças e a valorização do território nas cidades mundiais. Portanto, as inovações técnicas se alastraram para o mundo, mas o usufruto da propriedade dos produtos e da produção ficou para aqueles que detêm poder aquisitivo. Tanto a divisão do trabalho, como a divisão territorial se aprofundou. O processo de desenvolvimento pelo qual passou o capitalismo no final do século XIX e início do século XX revelou que as inovações técnicas pós Revolução Industrial começaram a se espalhar, a partir deste período, por todas as regiões mundiais. Também, com estas inovações, foi necessária uma requalificação da mão-de-obra nas indústrias e fábricas. Isso revelou uma redivisão territorial do trabalho, o que fez com que as regiões metropolitanas fossem sendo enquadradas em uma rede de hierarquia urbana mundial. Assim, o capitalismo monopolista passou a controlar e monopolizar as regiões e conseqüentemente as cidades que fazem parte da periferia do mercado internacional. Neste sentido, se por um lado as inovações trouxeram uma melhoria nas condições de vida dos moradores das cidades, o preço da moradia se elevou assustadoramente, fazendo com que ocorresse uma “filtragem” dos moradores das cidades de acordo com suas condições financeiras. Cada bairro vai delineando quem pode morar nele: nos bairros nobres há infra-estrutura; por outro lado, nos bairros pobres, há falta desses serviços para a grande maioria da população que aumenta a cada dia.



ATIVIDADES

Descrevam os pontos positivos e negativos do modo de produção capitalista, na fase monopolista. Vocês devem fazer uma tabela onde de um lado descrevam os pontos positivos e do outro os pontos negativos. Depois vocês farão uma análise crítica desse contexto.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Para facilitar o entendimento, vocês devem, também, assistir aos filmes indicados nesta aula e relatar o que pode ser associado ao seu conteúdo. O filme *Tempos Modernos*, de Charles Chaplin, mostra a exploração dos trabalhadores em uma indústria. Nas cenas, é mostrada a produção em série na linha de montagem. Leiam também o livro: *Imperialismo; fase superior do capitalismo* de Vladin Irlich Lenin.

6

AUTO-AVALIAÇÃO

Sou capaz de explicar os processos por que passou o capitalismo na sua fase monopolista? Ficaram evidentes para mim as conseqüências dessa fase avançada do capitalismo? Em relação ao processo de urbanização, compreendo por que as cidades modernas têm características tão fortes do processo de exploração de uma minoria detentora do capital sobre uma maioria destituída de conforto material? Próxima aula. Na próxima aula, vamos analisar o processo de formação e consolidação da divisão internacional do trabalho e como este processo influenciou nas vidas das populações mundiais, desde as metrópoles até os povoados das cidades pequenas existentes no mundo subdesenvolvido.



PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, vamos analisar o processo de formação e consolidação da divisão internacional do trabalho e como este processo influenciou nas vidas das populações mundiais, desde as metrópoles até os povoados das cidades pequenas existentes no mundo subdesenvolvido.



REFERÊNCIAS

- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 3 ed. São Paulo: contexto. 1997.
- GOMES, Horieste. **A produção do espaço geográfico no capitalismo**. São Paulo: Contexto. 1990.
- LENIN, Vladim Irlich. **Imperialismo**: fase superior do capitalismo. São Paulo: Global. 1979.
- SPOSITO, Maria Encarnação B. **Capitalismo e urbanização**. 11 ed. São Paulo: Contexto. 2001.
- VICENTINO, Cláudio; SCALZARETTO, Reinaldo. **Nova ordem mundial**, (Encarte). São Paulo: Scipione, 1992.